

NOS ARCANOS DO IMPÉRIO, RACISMO E ESCRITA DE AUTORIA FEMININA NO ROMANCE DE EZILDA BARRETO¹

NOS ARCANOS DO IMPÉRIO, RACISM AND WRITING OF FEMALE IN THE NOVEL OF EZILDA BARRETO

Ana Patrícia Frederico Silveira²
Sávio Roberto Fonseca de Freitas³

RESUMO: Este artigo se dedica ao estudo do romance *Nos Arcanos do Império*, da escritora paraibana Ezilda Barreto. Ao tempo que nosso enfoque se volta para o mapeamento da escrita de autoria feminina na Paraíba, no sentido de tornar visível escritoras invisíveis nos compêndios históricos da literatura brasileira; também analisamos uma narrativa paraibana de autoria feminina que problema o tema da escravidão e do racismo negro em tempos de regime imperial. Para fundamentar nossos posicionamentos sobre autoria feminina paraibana e racismo na literatura brasileira nos apoiamos em Heloísa Buarque de Hollanda e Lúcia Araújo, Marcos Odilon, Gemy Candido, Iris Vasconcelos e Silvana Souza, entre outras referências recorridas ao longo das análises.

PALAVRAS-CHAVE: Invisibilidade. Século XX. Autoria feminina paraibana. Racismo.

ABSTRACT: This article is dedicated to the study of the novel *Nos Arcanos do Império*, by the Paraíba writer Ezilda Barreto. At the same time that our focus is on mapping writing written by women in Paraíba, in the sense of making invisible writers visible in the historical textbooks of Brazilian literature; we also analyzed a paraiba narrative of female authorship that addresses the issue of slavery and black racism in times of imperial rule. To support our positions on female authorship from Paraíba and racism in Brazilian literature, we rely on Heloísa Buarque de Hollanda and Lúcia Araújo, Marcos Odilon, Gemy Candido, Iris Vasconcelos and Silvana Souza, among other references used throughout of the analyzes.

KEYWORDS: Invisibility. 20th century. Female authorship from Paraíba. Racism.

¹ Artigo recebido para avaliação em 12/08/2020 e aceito para publicação em 03/10/2020.

² Doutora em Letras pela UFPB; Professora do Instituto Federal do Sertão Pernambucano – Campus Petrolina; Líder do Grupo de pesquisa LEABRASIL/CNPq, além de membro dos GEAF – Grupo de Estudo de Autoria Feminina/CNPq, e do Grupo de Pesquisa de Literatura Paraibana/ CNPq; e-mail ana.frederico@ifsertao-pe.edu.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7190-9858>.

³ Doutor em Letras pela UFPB. Professor de Literaturas de Língua Portuguesa no Departamento de Letras do CCAE-UFPB (Campus IV) e do PPGL -UFPB (Campus I). Líder do Grupo de Pesquisa MOZA (Moçambique e Africanidades), certificado pela UFPB e credenciado pelo CNPQ; e-mail savioroberto1978@yahoo.com.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7541-3377>.



Primeiras colocações

Ezilda Barreto é uma escritora paraibana que muito tempo passou despercebida na cena literária brasileira. Nosso estudo vem justificar como base em posicionamentos da historiografia literária, dos estudos de autoria feminina e do racismo na literatura brasileira.

Muitos são os registros de mulheres paraibanas que produziram literatura no século XX, as quais, sob muitas temáticas, tiveram caminhos e incentivos vários que as posicionaram no lugar de reconhecimento, de que havia uma representação mais amadurecida e em maior número de uma literatura de autoria paraibana, que não mais se reservava a corpos apenas masculinos, mas também a mulheres que, cada vez mais, assumiam espaços como autoras, mesmo que suas obras circulassem em pequena esfera geográfica. Porém, ao observarmos os trabalhos realizados pela crítica literária acerca da literatura paraibana, notamos que, até meados dos anos 80, se ignorava a existência de autoria feminina paraibana, o que demonstrava um olhar androcêntrico sobre as “manifestações e, ou registros literários” advindos da Paraíba.

A invisibilidade da mulher paraibana e o início do século XX

Dos dicionários e livros voltados à literatura paraibana, que marcam a invisibilidade de autoria feminina paraibana, citamos (ODILON, 1985), (CANDIDO, 1983) e (SANTOS, 1989, p.160), que reserva, esta última, uma página para falar de Valdélia Barros⁴. Entretanto, em outra obra por ela organizada, (SANTOS et al., 1986), uma antologia⁵ em que há quase que por completo a presença de homens, apenas, há em um dos capítulos (tratando do tema social) o conto *Às portas de uma cidade ameaçada*, de Maria José Limeira, outra autora paraibana, que transita entre os séculos XX e XXI. Para além destas obras voltadas à historiogra-

⁴ Professora, contista, romancista, compositora, teatróloga e colaboradora da imprensa local. Escreveu o romance *Janelas de frente* (1983), o livro de contos *Um anjo atravessa o asfalto* (1985) e, sendo sua mais recente produção o livro *Sociedade e governo no temor de Deus* (2010).

⁵ Antologia literária com produção de artistas, exclusivamente, paraibanos, que tinha como objetivo “alcançar a clientela formada pelos alunos do 2º grau, oferecendo-lhes uma visão interpretativa tão completa quanto possível da criação literária contemporânea da Paraíba”. (SANTOS et al, 1986, p.13 (prefácio)).



fia literária, não há nenhum registro de que existisse produção literária de autoria feminina que não fosse de Valdélia Barros ou Maria José Limeira, o que revela um grande equívoco cometido pela crítica literária.

A venda nos olhos destes pesquisadores finalmente é retirada, e numa crescente observamos a presença de nomes femininos compondo o lugar da academia e das estantes como artistas literárias, a exemplo do resultado trazido através do trabalho desenvolvido por (HOLLANDA & ARAÚJO, 1993) e (MARINHEIRO, 1982), que avançam, ao passo que admitem presenças femininas que se presentificam na literatura de autoria paraibana; até que, finalmente, há um avanço importante no que tange a visibilidade de escritoras paraibanas, a partir dos dicionários de (SANTOS, 1994), (COELHO, 2002), (FERREIRA et al., 1999), trazendo para a cena autoras contemporâneas aos séculos XIX, XX e XXI, com a ressalva de que, na última obra supracitada, o recorte de autoria feminina se deu com mulheres nordestinas que viveram o período de efervescência sobre a questão da escravidão e da abolição, como (FERREIRA et al., 1999, p. 07) explica:

Este livro é o resultado de antigas buscas e perplexidades. Há algum tempo, suas autoras, pesquisadoras envolvidas no resgate e estudo da atuação política e da produção literária de mulheres no Nordeste, vinham se questionando sobre a existência de estudos sobre o que fizeram as nordestinas em favor do movimento abolicionista, nos estados de Pernambuco, Bahia, Alagoas e Paraíba (FERREIRA, 1999, p. 07).

A crítica literária, portanto, acompanhando as discussões nas esferas políticas e sociais, juntamente com a academia, passa a se dedicar mais atentamente aos estudos voltados ao recorte dos estudos culturais e de gênero, ao reconhecer a atividade das mulheres enquanto autoras, mesmo quando havia uma insistência para a sua invisibilidade. Logo, grupos de pesquisas e de estudo das universidades públicas, localizadas na Paraíba e em estados vizinhos, tanto nos cursos de Letras, quanto nos programas de Educação e de História, fortalecem este tipo de pesquisa, tamanha a relevância de trazer à cena a literatura escrita por mulheres em território paraibano, surgindo, portanto, o dicionário de (SOUSA



JÚNIOR, 2017), que se reserva apenas às produções literárias de autoras paraibanas, fruto de sua tese de doutorado.

É muito importante salientar o vasto o número de mulheres que publicaram no decorrer do século XX; contudo, reservamo-nos ao recorte temporal que envolve a primeira metade do século XX, especialmente aquelas que tiveram um enfrentamento maior no tocante à luta de classes, amparado pelo abuso daqueles que detinham o poder em detrimento dos mais desvalidos, alimentados, inclusive, pela escravatura, sendo, portanto, de muita importância a produção literária *Nos Arcanos do Império*, da escritora e professora Ezilda Milanez Barreto, sobre quem nos dedicaremos mais adiante. A sociedade brasileira do início do século XX seguia à risca o moldes patriarcais, que negava à mulher todos os direitos enviados por outros espaços que não o doméstico, de modo que, quando elas desejavam exercer uma profissão era o magistério a de maior aceitação, especialmente, quando o interesse advinha de alguém da classe menos abastada, sendo este o caminho mais seguro para aquelas que também exerciam o ofício da literatura, as quais atuavam com suas produções literárias, concomitante ao exercício do magistério, num território predominantemente machista, que tentava desvalorizar a imagem da figura feminina quando ela circulava por outros espaços, para além do doméstico. A respeito disso, afirma (CIPRIANO 2010):

A Parahyba do Norte viveu, nas primeiras décadas do século XX, a desconfiança masculina em relação a fidelidade da mulher, constantemente retratada na imprensa “[...] por homens que tratam dessa questão, pode-se dizer que um discurso masculino fará da infidelidade feminina uma das práticas mais nocivas entre os males sociais: a degeneração da família, a desonra masculina, o desvirtuamento dos filhos, futuros cidadãos e, por sua vez, a destruição da Pátria, a partir de uma traição generalizada.” (CIPRIANO, 2010, p. 164).

Este julgamento proferido pelos homens reforça a ideia da mulher como cárcere do ambiente privado da família, seguindo a ordem do patriarcado, estigmatizada a profissões tidas como exclusivamente femininas, ao passo que não podia se entrecruzar experiencialmente com outras atividades que fossem exercidas por



homens, dentre elas o exercício literário. Todavia, questionando os padrões pré-estabelecidos, provando para si e para a sociedade suas competências várias e sua força, as mulheres pouco a pouco começaram a transitar em outros espaços, mesmo em realidades distantes dos grandes centros, como é o caso da Paraíba. Quando não se estabelecia regras para esse tipo de vivência, algumas mulheres já se posicionavam em centros universitários nos cursos de Direito e de Medicina⁶, mesmo que raramente; mas, na maioria das vezes, partiam-se para a formação e a prática do magistério, o que poderia trazer uma visibilidade maior no tocante à produção escrita literária ou não-literária, de modo que perpetuasse a sua existência enquanto cidadã e contribuinte para as esferas sociais que tivessem acesso aos seus textos escritos.

De uma maneira muito peculiar, se tornar escritora era um caminho que exigia poucos esforços e investimentos financeiros, de acordo com o que (WOOLF, 2015) esclarece: “Escrever era uma atividade respeitável e inofensiva. O riscar da caneta não perturbava a paz do lar[...]. Claro que foi por causa do preço baixo do papel que as mulheres deram certo como escritoras, antes de dar certo nas outras profissões”. (WOLF, 2015, p. 10). Ao assumir o papel de escritora, (WOOLF, 2015) também nos fala da necessidade de “matar” a ideia da mulher como um “anjo do lar”, resignado em estar na vida para servir a todos, sem o reconhecimento e sem a exigência de nada a seu dispor; e se tiverem a intenção de se darem bem, precisam agradar e conciliar as relações, mesmo que para isso seja preciso mentir. Sobre o perfil de tal mulher como “Anjo do Lar”, (WOOLF, 2015) descreve:

Ela era extremamente simpática. Imensamente encantadora. Totalmente altruísta. Excelente nas difíceis artes do convívio familiar. Sacrificava-se todos os dias. Se o almoço era frango, ela ficava com o pé; se havia ar encanado, era ali que ia se sentar – em suma, seu feitio era nunca ter opinião ou vontade própria, e preferia sempre concordar com as opiniões e vontades dos outros. E acima de tudo – nem preciso dizer – ela era pura. Sua pureza era tida como sua maior beleza – enrubescer era seu grande encanto (WOOLF, 2015, p. 11-12).

⁶ Especialmente se a mulher pertencesse à classe aristocrática.



A escritora acima mencionada nos apresenta as normativas que eram dirigidas, autorizadas e permitidas às mulheres, se elas tivessem algum interesse numa positiva exposição de sua imagem, o que lhe garantiria uma vida de conforto. A beleza da mulher estava associada, inclusive, ao seu recato e à sua ingenuidade, qualidades que eram consideradas comuns a quem era regido e protegido por divindades de procedência cristã; isto é, uma representação da pureza. Associado a estes predicativos, cabia à ela não se expressar em demasia, sendo permanentemente proibida a verbalização de sua opinião, e quem infringisse esta regra era descartada daquele meio, ao mesmo tempo em que seria moralmente exposta, com a fama de vulgar e de pouco valor, o que fortalecia ainda mais o machismo em tipificar a mulher “feita para o respeito social” e aquela que poderia “estabelecer” uma relação de aproximação e intimidade restritas ao espaço da rua, sem jamais atravessar a fronteira para o outro lugar: para além da concepção apresentada por (WOOLF, 2015), quando à denominação de Anjo do lar, deveremos também considerar que quando a produção literária de autoria feminina faz um enfrentamento ou uma denúncia sobre algo, teremos uma revelação de desobediência à tradição patriarcal, o que configura um distanciamento desta literatura e de sua autora à ideia de “anjo”. Corroborando com esta tese supracitada e ciente do contexto histórico, (RAGO, 2004, p. 31) nos apresenta as condições pelas quais a mulher brasileira, até meados do século XX, vivia ou deveria viver, de acordo com o patriarcalismo:

Ser mulher, até aproximadamente o final dos anos 1960, significava identificar-se com a maternidade e a esfera privada do lar, sonhar com um “bom partido” para um casamento indissolúvel e afeiçoar-se a atividades leves e delicadas, que exigissem pouco esforço físico e mental. Do outro lado, situavam-se as que podiam circular livremente por ruas, praças, bares, pagando, contudo, o alto preço da condenação moral, da perseguição policial e de outras formas de violência física (RAGO, 2004, p. 31).

Conheçamos, a partir de agora, uma das autoras paraibanas que merece ser reconhecida por seu valor e por sua dedicação à literatura e à cultura em geral, no território do interior paraiba-



no: Ezilda Barreto, que, de um modo primoroso, traz temas impactantes a partir de sua arte, denunciando a excessiva exploração cometida ao povo negro, que fortemente ecoou no solo areiense,

Ezilda Milanez Barreto: narrando a democratização dos direitos afrodescendentes

FIGURA 1 – FOTO DE EZILDA BARRETO



Fonte: (BARRETO, 1986)

Natural de Guarabira, Ezilda Milanez Barreto nasceu em 1898, em berço de tradição conservadora cristã católica, dividindo sua vida entre as cidades de João Pessoa e Areia, com maior dedicação ao município do brejo paraibano, até 1986, quando faleceu. Na capital paraibana, ela concluiu o Curso Normal, a fim de assumir a sala de aula na condição de professora, e desde então apresentou interesse em escrever um livro, “mas a falta de amadurecimento literário e receio de críticas atrasam, por vinte anos, este projeto”. (SANTOS, 1994, p.64). Já de posse do diploma profissional, Ezilda, então, passou a residir em Areia, onde começou a exercer a função de professora, que tinha uma missão: contribuir para uma vida mais cultural e mais letrada, nas cidades interiores de Campina Grande e de Areia, intituladas como A Rainha da Borborema e A Princesa da Borborema, respectivamente. sobre-



tudo para esta cidade, , pela postura libertária em favor dos negros, mesmo quando ainda estava distante a concretização da Lei Áurea, o que confere a Areia um papel importante na História do Brasil. A respeito disso, dissertam (VASCONCELOS e SOUSA, 1999):

A cidade de Areia foi o principal foco abolicionista na Parahyba do Norte, no início da década de 1880. A primeira sociedade abolicionista foi fundada em 1873. Dez anos depois foi transformada na ativa Emancipadora Areiense. A sociedade usou várias estratégias para expandir o movimento, desde o estímulo às alforrias até a facilitação da fuga de escravos.

A Emancipadora Areiense fundou o jornal abolicionista A Verdade que, em março de 1888, publicou a estatística da população cativa existente na cidade nas duas últimas décadas. Os dados confirmam que, em 1873, havia 1680 escravos, número este que, em 1887, desceu para 414 escravos e, dois meses antes da abolição, a cidade contava com o número reduzido de 49 escravos (VASCONCELOS e SOUSA, 1999, p. 160).

Já instalada na cidade de Areia, definitivamente, Ezilda Barreto passa a integrar numa crescente várias funções que vão corroborar com a “construção” da mulher intelectual e requisitada na região onde ela vivia, no solo paraibano, passando pela experiência de colaboradora do Jornal O AREIENSE, onde ela publicava seus artigos, de cunho moralizante, e no mesmo tom o seu primeiro romance, intitulado *A luz brilhava nas trevas*, que tematiza o sexo como algo que transgride a moral. Outras obras de sua autoria são: *Nos arcanos do império* (1981), *O meu mundo é assim* (1986), e *À sombra da gameleira* (s/d), a sua mais famosa produção, segundo a crítica, do final do século XX. Sobre a autora, (SANTOS, 1994) discorre:

“[...] Escreve artigos como “Nossos irmãos irracionais”, “O caminho da fraternidade”, “Carminha e sua verdade”, evidenciando uma temática voltada para a religião e os bons costumes, com profunda intenção moralizante. E “A luz brilhará nas trevas” (1940), seu primeiro romance, descreve o cotidiano de uma família, tratando o sexo como um corruptor da moral (SANTOS, 1994, p. 64-65).



Ainda em relação a Ezilda Barreto, o crítico Amaury Vasconcelos e, também, presidente da Academia Paraibana de Letras (1983), reconhece a sua ampla produção de atividade artístico-literária, quando diz conhecê-la: “conheço a romancista, cronista, teatróloga, mestra e educadora[...] Sei que ela emerge de uma geração de inteligências femininas raras[...]” (VASCONCELOS, 1983, p.07-08). Ao descrevê-la, o crítico a localiza numa espécie de pedestal, longe de qualquer vulgaridade e, ou coloquialismo, dona de uma inteligência feminina rara, o que pode nos revelar também sobre o estudioso, que pode ser partidário a uma postura de recato da mulher. Sobre as várias funções intelectuais exercidas por Ezilda, (VASCONCELOS, 1983) nos informa: Inteligente, culta, escritora por vocação, escrevinhadora por hábito e por necessidade de sua inclinação às letras, buscou no magistério, na ficção e no jornalismo o seu escapismo” (VASCONCELOS, 1983, p. 08), o que fez despertar nele o interesse da escritora ser uma das fundadoras e membros da Academia de Letras de Campina Grande, todavia, ela não se interessou por isso. A respeito deste fato, o referido crítico finaliza:

Embuçada em sua modéstia, Ezilda não quis fundar comigo e com intelectuais campinenses, nossa progressista Academia de Letras de Campina Grande, agregando o compartimento da Borborema, onde ela persiste ficar. Areia, sua segunda terra, como minha também. Não abduco de meu empenho, a sangrarei uma imortal, desde que ela já o é de fato, faltando-lhe, somente, transpor os umbrais das Casas de Coriolano Medeiros ou Afonso Campos (VASCONCELOS, 1983, p. 11).

Mesmo diante de tanto pudor, fortemente enraizado pela formação familiar recebida, Ezilda Milanez Barreto constitui a literatura de autoria paraibana, em meio a um cenário povoado predominantemente por homens, e como uma mulher inteligente e dedicada à arte literária, reconhecimento este conquistado, sem estabelecer arestas no sentido da moralidade social, ela apresenta produções em versos imersos na moralidade e recato, costumieiramente defendida pela ala mais tradicional da sociedade paraibana, ao mesmo tempo em que ela “serve” de porta-voz em



relação à condição de negros e mulheres que viviam margeados de seus direitos, na sua produção em prosa, de modo que a crítica mais recente a compara a Conceição Evaristo⁷, pela aproximação e recorte temático entre elas, a exemplo do que nos diz (SALES⁸, 2009, p. 21):

Ezilda Barreto e Conceição Evaristo, fazendo-se sujeitos participantes, assumem narrar as histórias dos lugares degradados como uma forma de luta contra o racismo e a miséria, revelando assim a dimensão política da escrita ao retratar as vidas dos que lutam por sobreviver em condições extremamente desumanas. A analogia entre *Nos Arcanos do Império*, de Ezilda Barreto, e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo é surpreendente. Quem lê, logo identifica a semelhança de processo: o espaço de fala que é destinado à população escravizada, especificamente a mulher negra. Nesses romances entram em cena personagens femininas afrodescendentes, com traços de muita inteligência, coragem, força, sensibilidade, insubmissão, resistência, enfim, mulheres negras que assumem o lugar de sujeitos históricos, lutando para conquistar a liberdade tão desejada. Podemos perceber, claramente, a identificação das narradoras com a população marginalizada, fazendo da palavra um meio para superar a opressão. (SALES, 2009, p.21)

Ezilda, portanto, é definida por (SALES, 2005, p.69) como “uma guerreira incansável no combate do racismo”, causa esta que a sensibiliza e a faz lutar, usando sua força verbal, em favor dos mais desvalidos, que se localizavam no porão da história, independentemente da raça que ela descenda, da mesma maneira que fez Castro Alves e outras personalidades sensíveis ao abolicio-

⁷ Escritora mineira e afrodescendente, nascida em 1946, que produz uma literatura voltada à valorização da cultura negra, acompanhada de muita resistência e muita discriminação. Sua estreia na literatura se deu em 1990, com a publicação de *Cadernos Negros*, em que reunia poemas e contos de sua autoria. O seu primeiro romance *Ponciá Vicêncio* foi publicado em 2003. Muito aclamada pela crítica, Conceição Evaristo tem suas obras traduzidas em diversas línguas, além de ter uma boa recepção nas universidades brasileiras, onde são desenvolvidas muitas pesquisas de graduação e pós-graduação sobre a obra da referida autora.

⁸ Profa. Dra do Centro de Educação da UFPB, que desenvolve pesquisa voltadas às mulheres paraibanas do século XX, Pesquisadora do Centro de Estudos do Negro (CEN-Sousa/PB), Coordenadora do Projeto De Mãos Dadas Pela Vida: uma prática educativa de combate ao racismo na Casa da Criança com câncer do Estado da Paraíba.

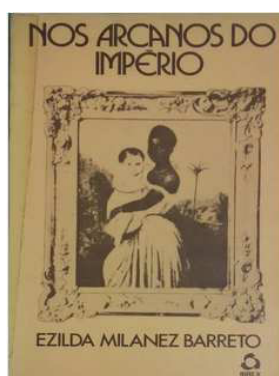


nismo, a exemplo de Lima Barreto e Maria Firmina dos Reis, escritora maranhense, que se manifestava em favor da dignidade da vida dos negros, em tom de denúncia de indignação “do destino” reservado aos homens e mulheres de cor. Portanto, podemos assegurar que este quarteto, aliado a outros abolicionista, “salvam do esquecimento as histórias de vidas mergulhadas na pobreza extrema e no abandono” (SALES, 2009: 21). Ainda em criterioso estudo, SALES (2005) nos apresentar outros detalhes da personalidade e da vida da referida escritora:

Conceituada romancista da literatura paraibana, por ser mulher, pobre e nordestina, enfrentou impedimentos de múltiplas dimensões para começar a publicar seus livros. [...]. Tornou-se uma figura emblemática da cidade por sua luta em favor da população afrodescendente. Provavelmente, decorre daí a sua preocupação literária com a história das mulheres e dos negros no Brasil (SALES, 2005, p. 68).

Este recorte temático abordado por Ezilda Barreto se deu com a obra *Nos arcanos do império*, em que ela faz uma forte defesa em prol das mulheres e dos negros que viviam em situação sub-humanas.

FIGURA 2 – CAPA DO LIVRO *NOS ARCANOS DO IMPÉRIO*



Fonte: (BARRETO, 1981)

Podemos observar que tanto no corpo do livro, quanto na sua capa há uma denúncia” feita pela autora acerca da exploração feita a negros, que eram considerados mercadorias, que eram



“descartados” quando não servissem mais para o usufruto dos brancos. O castelo a que se refere a autora é uma espécie de masmorra, onde os negros já idosos eram “despejados”, vivendo em condições indigentes, sem a mínima condição de zelo e de agradecimento por tudo o que foi feito um dia. Ao contrário: o lugar era de completo abandono, e o seu corpo era todo registrado por violência, de maneira que todo ele era fendas abertas, que se misturavam aos trapos que cobriam o seu corpo. A capa do livro, por sua vez, traz à cena a figura da ama de leite, da mãe-preta, que servia para além da função de cuidadora da criança, ela era quem o amamentava e acompanhava-a durante toda a sua vida na casa de origem, o que garantia à mãe-preta um estreitamento com os brancos, donos seus, dando-lhe uma condição que se distanciava daqueles que circulavam na senzala, exclusivamente. Sobre esta obra, (SALES, 2009) nos traz informações importantes, desde a distância temporal entre a produção do livro e a sua primeira edição de publicação, além de um enriquecido olhar analítico sobre todo o enredo que o compõe, a começar pelo texto não-verbal que constitui a capa do livro supracitado.

Nos Arcanos do Império foi escrito desde o começo do século XX, mas diante de inúmeras dificuldades só foi publicado em 1981. A encadernação em tons salmoadado e marrom apresenta na capa uma fotografia em preto e branco de uma Ama de Leite embalando uma criança branca. Apesar da sua condição social ser desfavorecida, entretanto o seu corpo retrata a elegância de uma rainha. Essa linguagem corporal pode ser interpretada como uma forma de não se curvar diante do autoritarismo imposto pelo modo de produção escravista do Brasil. Assim, a atitude política da escritora de escolher o retrato de uma Mãe Preta para ilustrar a capa do seu romance, ajuda a recompor a memória coletiva das mulheres escravizadas, rompendo o silêncio histórico dessa população. A narradora inicia o primeiro capítulo do romance *Nos Arcanos do Império* utilizando a imagem de um castelo abandonado como metáfora para criticar o sistema escravagista, o abandono e o desamparo em particular das mulheres escravizadas. O antropomorfismo do castelo faz lembrar que a estética nasceu como discurso do corpo. A vivência da penúria afina alguns instrumentos nar-



rativos para expor as vidas subterrâneas, centradas na carência secular de melhores condições de vida para a população negra. O romance recompõe as experiências de pessoas expostas à dura pobreza, que, contudo não arrefece o desejo de continuar vivendo e lutando por melhores dias. No universo de vidas tão sofridas e de histórias construídas de migalhas, os efeitos negativos da fome e da violência minam o corpo de sofrimento, abandono e de doenças. Vale ressaltar que o corpo é na atualidade uma das categorias centrais nos debates feministas. Na perspectiva das relações de gênero, raça e etnia fica evidente como no texto de Ezilda Barreto o corpo da mulher escravizada é moldado por formas de poder, sofrendo os impactos da violência e do abandono (SALES, 2009, p. 21-22).

Já nas páginas iniciais do romance supracitado, ela nos apresenta o espaço principal onde o enredo se desenvolve, ao mesmo tempo em que denuncia a crueza com que os negros eram tratados, em situação de completa indignação, se misturando, se confundindo e se igualando, harmonicamente, a tudo aquilo que simbolizava o povo negro: apagamento, esquecimento, invisibilidade, posto, portanto, num lugar de pouca ou nenhuma visibilidade, como o sótão ou o porão. Podemos constatar essas informações no trecho seguinte:

O castelo de Moran está mergulhado nas trevas. Há muitas horas que os lampiões de sua grande fachada e os candelabros dos seus salões fecharam-se dentro da noite para uma noite também.

O seu corpanzil negro, lodoso, de torres desguarnecidas, recebe a luz difusa das ruas mais próximas, como a coroá-lo de cuidados, como a apresenta-lo, na noite imensa, aos notívagos na sua grandeza antiga, nas lendas que o cercam, no desprezo de seu dono que o abandonara à mercê do tempo, sem nenhum reparo [...]. Era o que se deduzia desse aspecto doloroso do corpo retalhado de fendas e roupagens esfrangalhadas (BARRETO, 1981, p.07).

Deste modo, Ezilda Barreto utiliza-se de um espaço micros-



social para exemplificar o abuso de poder, transfigurado pela prática escravocrata, comum na sociedade brasileira, mesmo quando aqui já se vivia sob a condição de uma política abolicionista. A cidade de Areia não fica indiferente a essas questões, sendo, inclusive, adepta à causa em favor da democratização dos negros, inaugurando, antes mesmo da Lei Áurea a libertação dos afrodescendentes que ali viviam. Na ficção *Nos Arcanos do Império*, Ezilda traz este feito heroico e vanguardista da Princesa da Borborema.

Às onze horas do mesmo dia o Conde e a Rainha apareceram na sacada do palácio para assistirem à leitura da Lei Áurea – a extinção da escravatura em todo o País, onde acrescentava, com satisfação e orgulho, o feito heroico do Estado do Ceará e da cidade de Areia, Paraíba do Norte, na antecipação da libertação dos seus escravos. Esta declaração foi coberta de palmas e vivas. [...] Enquanto isso, o povo alucinado abraçava-se, dava vivas à Rainha, ao Conde e a D. Pedro II. [...] As diligências não paravam, levando doentes, embriagados e agressores, que tentavam apedrejar algumas residências onde os escravos eram massacrados, e até mortos, pelo patrão (BARRETO, 1981, p. 100).

Todavia, o personagem Otto de Moran não reproduz este desafeto com os afrodescendentes, como era costumeiramente tratado na sociedade brasileira, o que o distanciava de outros homens brancos e de posse quanto ao tratamento dado às pessoas de cor sob a sua tutela. Moran era um abolicionista, que tentava convencer sua filha Rosemarie a estreitar a relação com os antigos escravos, com o entendimento de que eram merecedores dos mesmos direitos como qualquer outro cidadão. Rosemarie, entretanto, representava a aristocracia brasileira, atravessada de preconceitos e de etiquetas de bom comportamento e elegância, seguindo a chique tradição francesa, que transportava os seus adeptos ao mundo europeu, mesmo quando os seus seguidores revelavam dureza, empáfia, deselegância e abuso de poder sobre aqueles que não pertenciam ao mesmo grupo econômico e racial deles. Entretanto, o patriarca Otto de Moran apresentava uma visão humanizada e humanizadora acerca da democratização plu-



rirracial. Em determinado momento da narrativa, reconhecemos a identificação de Moran com a causa social, como poderemos observar a seguir, quando Rosemarie pergunta ao pai sobre as pessoas que estão no porão do Castelo de Moran. Vejamos:

“Quem são aquelas famílias que habitam o porão?”

[...]

“São escravos fugitivos de algumas fazendas.”

– Escravos?! Disse a filha, horrorizada pelo que ouviu. Nunca pensara que ao pai escondesse essa gente em sua própria casa.

– Sim. Escravos, filha, são criaturas, como nós, massacrados por pessoas desalmadas, à procura de proteção. De modo que está havendo, em todo o País, um movimento pacífico para a libertação dos mesmos. Nosso Imperador ainda não se pronunciou a respeito. Grande parte do Exército já se manifestou a favor dos oprimidos. Parece-me, entretanto, que o caso já tomou um caráter político, segundo dizem os mais chegados do Trono (BARRETO, 1981, p.67-68).

Como um romance com desfecho repleto de realizações, a família Moran, finalmente vivencia uma empatia em defesa dos mais desvalidos, se localizando numa faixa de evolução social e humanitária, em harmonia com as pessoas de cor, compartilhando e comemorando a abolição da escravatura, junta com elas, sem nenhuma réstia de preconceito e de soberba, ao mesmo tempo em que reconhecem e exaltam a importância dos afrodescendentes no desenvolvimento do país. Nas cenas finais de *Nos Arcanos do Império*, acontece um baile em razão da comemoração da abolição, em que há uma “verdadeira confraternização das raças”, de modo que: “os brancos dançavam com pretos, vermelhos com pretos e vice-versa; embora os racistas e os faladores da vida alheia tachassem o que viam de exibição exagerada.” (BARRETO, 1981, p.112). Todos, portanto, estavam celebrando a vida, a liberdade e o valor merecidos aos negros, e em meio a esta festividade, Rosemarie recita um poema intitulado *Alma Brasileira*, de autoria desconhecida, mas de uma tocante mensagem socialista, que trazia a defesa da igualdade de direitos, sob o argumento cristão-religioso de que somos todos iguais, perante a lei e a vontade divina. E a celebração seguia...



festejando e exaltando a raça negra, merecedora de respeito e de liberdade, como qualquer outro cidadão.

Ezilda Barreto, portanto, é uma autora que presta um serviço importante e substancial na literatura e na sociedade, trazendo através de suas produções um sentimento de indignação e de denúncia, em solicitude com a causa dos negros e sua vida pós-abolição e o tratamento ofertado a eles pelos mais esmerados socioeconomicamente. *Nos Arcanos do Império* é uma obra atemporal, que merece um destaque e um reconhecimento, até mesmo pela própria crítica que se debruça sobre a produção da referida escritora, alcançando interesse e leitores até mesmo na contemporaneidade, com os mais variados objetivos, estimulados pelas mais plurais causas: seja pelas pesquisas que se remontam os Estudos culturais e de gênero, incluindo a temática da raça, da autoria feminina; seja por puro deleite e curiosidade, despertados pelo leitor, diante da capa ou da descoberta em saber como se expressava a autora paraibana, numa produção de primeira metade do século XX, ponto em debate, temas propostos por homens e mulheres envolvidos com a causa abolicionista, desde o Romantismo, quando se fez a inserção de abordagens sociais, num país que foi, não somente cenário, mas também “apoiador” do tráfico negreiro. Ezilda Barreto, por toda sua participação e engajamento como cidadã e escritora, precisa, portanto, do reconhecimento merecido.

Últimas considerações

Ler o romance de Ezilda Barreto possibilita fazer uma revisão da produção literária de autoria feminina no Estado da Paraíba e também reforça a tese de que a invisibilidade da literatura feita por mulheres por parte dos compêndios literários da história da literatura brasileira organizado por homens brancos e machistas, muito fortificou o interesse da pesquisa que vem se fortalecendo sob a orientação do estudos literários voltados a descobertas de romances como *Nos Arcanos do Império*. Um romance escrito por uma paraibana afrodescendente muito merecedora de ser estudada na contemporaneidade como prova de que a escrita literária das mulheres sempre deu conta de uma agenda de discussão polêmica e atualizada em relação aos temas sociais tão necessários à construção da identidade brasileira.



O romance de Ezilda Barreto precisa ser inserido como leitura obrigatória para o entendimento dos estudos afro-brasileiros, os quais vêm modernizando várias concepções epistemológicas sobre o feminismo negro, a literatura negro-brasileira, a literatura de autoria feminina negra, entre tantos outros conceitos que são sempre repensados quando se trata do binômio mulher e literatura.

Nos arcanos do Império é uma narrativa de autoria feminina afrodescendente que problematiza temas ainda atuais na sociedade brasileira, como: a colonização do pensamento crítico, o racismo estrutural, o mito da democracia racial, a religiosidade de matriz africana, a condição da mulher escritora e afrodescendente, entre tantos outros temas que ainda são combustível para uma vasta discussão sobre a revisão da historiografia literária brasileira.

Referências

- BARRETO, E. M. **Nos arcanos do império**. São Paulo: IBREX, 1981.
- BARRETO, E.M.. **O meu mundo é assim**. São Paulo: Editora Soma, 1983.
- BEIRIZ, A. In: ARANHA, M. **A Panthera dos olhos dormentes**. João Pessoa: Manufatura, 2005, P. 47.
- CANDIDO, G. **História crítica da literatura paraibana**. João Pessoa: A União Cia Editora, 1983.
- CIPRIANO, M. S. O adultério e o fantasma da infidelidade (1920-1930). In: ABRANTES, A.; NETO, M. G. S. (orgs). **Outras Histórias: cultura e poder na Paraíba (1889-1930)**. João Pessoa: Universitária/ UFPB, 2010.
- ESPINDULA, D. V. I. **Uma biblioteca e seus leitores: percurso de uma história**, 1ª ed. Jundiáí/ São Paulo: Paco editorial, 2017.
- FERREIRA, L.; ALVES, I.; FONTES, N. R. et al. **Suaves Amazonas: mulheres e abolição da escravatura, no Nordeste**. Recife: Editora Universitária UFPE, 1999.
- HOLLANDA, H. B.; ARAÚJO, L. N. **Ensaístas brasileiras: mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- MARINHEIRO, E.. **Prévio dicionário biobibliográfico do autor da microrregião do Agreste da Borborema**. Campina Grande: UFPB/FURNE, 1982.
- ODILON, M. **Pequeno dicionário de fatos e vultos da Paraíba**. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1984.



RAGO, M. Ser mulher no século XXI ou Carta de Alforria. In: VENTURI, G.; RE-CAMÁN, M. e OLIVEIRA, S. (org). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SALES, A. M. C. **Tecendo fios de liberdade**: escritoras e professoras da Paraíba no início do século XX. Recife: UFPE, 2005 (TESE DE DOUTORADO).

SALES, A. M. C. ONTEM E HOJE: MULHERES ROMANCISTAS NO COMBATE AO RACISMO. In: LIMA, T.; NASCIMENTO, I.; OLIVEIRA, A. **Griots - culturas africanas**: linguagem, memória, imaginário. 1.ed. Natal: Lucgraf, 2009, p.

SANTOS, I. *et al.* **Antologia literária da Paraíba: para alunos do 2º grau**. João Pessoa: Academia Paraibana de Letras, 1986 (Coleção Literatura Viva).

SANTOS, I. F. **A literatura na Paraíba**: ontem & hoje. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 1989.

SANTOS, I. F. **Dicionário literário da Paraíba**. João Pessoa: A União, 1994.

SOUSA JR, J. C. **Dicionário de escritoras paraibanas**. João Pessoa: Editora Ideia, 2017.

VASCONCELOS, A. Da autora e sua importância nas letras paraibanas. IN: BARRETO, E. M. **O meu mundo é assim**. São Paulo: Editora Soma, 1983. (pp. 07-11)

VASCONCELOS, I.; SOUSA, S. V. Ventre livre e razão emancipadora: Mulher e Abolição na Parahyba do Norte. In: FERREIRA, L. G. et al. **Suaves Amazonas**: mulheres e abolição na escravidão do Nordeste. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999, 141-170.

WOOLF, V. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Tradução: Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2015.

